

## **Fake News: a experiência de fatos em contexto de proliferação de informações falsas<sup>1</sup>**

Darlann Miranda dos SANTOS<sup>2</sup>  
Will Montenegro TEIXEIRA<sup>3</sup>  
Faculdade Paraense de Ensino, FAPEN

### **RESUMO**

Este artigo tem como intuito compreender o fenômeno das *fake news*. Para este artigo foi realizada uma pesquisa de caráter exploratório para embasar os questionamentos acerca deste fenômeno desde sua existência antes do advento tecnológico até sua nova forma de se produzir e disseminar dentro das redes sociais. Sobre o tema, autores como Lucia Santaella (2018), Eduardo Magrani (2014), Igor Tadeu Camilo Rocha (2019) são utilizados para compor a base teórica deste artigo. Como resultados a pesquisa possibilitou a compreensão de como hoje as *fake news* são difundidas dentro das redes sociais, suas variantes, suas origens com o fundamentalismo cristão, sua relação com as *filter bubble* (ou filtros-bolha) e como são capazes de influenciar desde ações, crenças ou visões políticas, com objetivo de atender as estimas de terceiros, causando assim, preocupação para diversos campos da sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** *fake news*; redes sociais; filtros-bolha; política; comunicação.

### **INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa tem como intuito a compreensão de um fenômeno que se mostrou evidente em nosso país na última eleição presidencial durante o segundo turno entre os então candidatos Jair Messias Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT). Para melhor compreensão deste fenômeno foi realizada uma pesquisa de caráter exploratório, oriunda de um Trabalho de Conclusão de Curso em andamento. De acordo com GIL (2008) as pesquisas exploratórias são desenvolvidas com “objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (GIL, 2008, p. 27).

Para ter suporte na construção deste artigo, foi seguido um percurso metodológico a partir do conceito de *fake news* e suas variações de acordo com Lucia Santaella (2018). Após a conceituação e apresentação das suas variações é feito debate

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da FAPEN-PA. E-mail: [darlann\\_m@hotmail.com](mailto:darlann_m@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor e coordenador do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da FAPEN-PA, e-mail: [publicidadefapen@gmail.com](mailto:publicidadefapen@gmail.com).

---

sobre as *fake news* e suas relações com as *filter bubble* (ou filtros-bolha) segundo Eduardo Magrani (2014). Feito debate é esclarecido às origens das *fake news* no fundamentalismo cristão de acordo com Igor Tadeu Rocha (2019). Também são utilizados estudos de outros autores que discutem acerca deste fenômeno.

O presente artigo surgiu a partir da reflexão acerca de como esse novo modo de se produzir e propagar notícias falsas por meio de redes sociais vem afetando nosso convívio social e causando danos em diversos campos da sociedade.

Constantemente passamos por mudanças nos processos de comunicação, com acesso a redes sociais que nos permitem trocas de informações em questão de minutos. Arelado a toda essa facilidade e agilidade estão as *fakes news*. Desde o período eleitoral de 2016 que como protagonista esteve o candidato republicano Donald Trump<sup>4</sup> e a democrata Hilary Clinton que promoveram ao longo de quase dois anos uma das disputas eleitorais mais intensas e agressivas dos Estados Unidos, o fenômeno *fake news* tem sido um dos assuntos mais debatidos no mundo. Assim como nos Estados Unidos, as eleições no Brasil em 2018<sup>5</sup> também foram marcadas por notícias com informações equivocadas. A disputa presidencial entre os então candidatos Jair Messias Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT) teve a rede social *WhatsApp* como um dos principais meios de propagação de *fake news* nas eleições brasileiras.

Dentre os diversos tipos de *fake news* que surgem diariamente, as de cunho político ainda são as mais virais. Segundo o psiquiatra e diretor da Associação Brasileira de Psiquiatria, Claudio Martins<sup>6</sup>, assim como o futebol e a religião nós tratamos o assunto política como uma crença, assim ao recebermos informações as absorvemos como uma verdade absoluta. No entanto a proliferação de *fake news* está ocorrendo e causando danos em vários setores, como da saúde, segurança, etc. Casos de *fake news* sobre segurança pública causam desespero na população de Belém como ocorreu depois do dia 04 de Novembro de 2014<sup>7</sup> após a morte do cabo da Polícia Militar Antônio Marcos da Silva Figueiredo (Cabo Pet), de 43 anos, que foi morto na rua que morava chamada Augusto Corrêa no bairro do Guamá. Logo após a morte do cabo da Polícia

---

<sup>4</sup> Ver: <http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/11/donald-trump-vence-hillary-clinton-e-eleito-presidente-dos-eua.html>. Acesso em 20/03/2019.

<sup>5</sup> Ver: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45978191>. Acesso em 09/04/2019.

<sup>6</sup> Ver: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45767478>. Acesso em 21/03/2019.

<sup>7</sup> Ver: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/04/promotoria-militar-indicia-14-pms-por-chacina-que-matou-10-em-belem.html>. Acesso em 25/03/2019.

---

Militar Antônio Marcos da Silva Figueiredo, algumas informações sobre uma possível chacina<sup>8</sup> em alguns bairros periféricos de Belém começaram a ser divulgadas pelo *Facebook*, *Twitter* e via *WhatsApp*. Naquele período *hashtags* como #ChachinaEmBelém, #Belém e #Guama chegaram a ser os assuntos mais populares no *Twitter* Brasileiro. Pelo *WhatsApp* surgiram áudios onde supostos policiais alertavam para que ninguém naquela noite fosse para os bairros onde possivelmente ocorreria a chacina.

Em um áudio um suposto policial dizia:

Senhores, sério, façam o que for preciso, mas não vão para o Guamá, não vão para o Canudos, nem para a Terra Firme hoje à noite. É uma questão de segurança dos senhores, tá? Mataram um policial nosso e vai ter uma limpeza na área. Ninguém segura ninguém, nem coronel das galáxias. Os meninos estão soltos. E, por favor, fiquem em casa, não vão para a rua, não fiquem em esquinas.

Como se não bastassem os áudios, várias imagens falsas e estimativas de mortos que variavam de 35 a cerca de 100 pessoas estavam sendo divulgadas. Conseqüentemente essa amplificação de informações causou desespero na população de Belém e principalmente nos moradores desses bairros onde supostamente ocorreria a chacina.

Não é de hoje que informações falsas são propagadas, como por exemplo, em 1564, uma falsa notícia divulgava que o então rei da Espanha Felipe II havia sido morto a tiros com o intuito de prejudicar o rei que vivia o ápice do reinado espanhol.

Segundo Santaella (2018) "notícias falsas, costumam ser definidas como notícias, histórias, boatos, fofocas ou rumores que são deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras" (SANTAELLA, 2018, p.29). Assim essas notícias são capazes de influenciar desde ações, crenças ou visões políticas, com o objetivo de atender as estimas de terceiros. Caso a criação de informações falsas tenha sido sempre a de enganar, essa concepção de fato estaria bem distante de ser algo atual, é só lembrar de como historicamente a vida dos artistas são relatadas, sempre repletas de fofocas. Mas afinal, o que existe de novo se tratando de informações falsas?

---

<sup>8</sup> Ver: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141106\\_salasocial\\_belem\\_whatsapp\\_cc](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141106_salasocial_belem_whatsapp_cc)>. Acesso em 25/03/2019.

---

O advento das redes sociais possibilitou um novo modo de se produzir e disseminar notícias contendo informações falsas. Para Santaella (2018), antes da emergência da internet, da cultura digital e das redes sociais, as notícias eram produzidas por fontes consideradas confiáveis.

Tradicionalmente, na era hegemônica da comunicação de massas, as notícias eram fabricadas em fontes restritas, relativamente confiáveis na medida em que deveriam seguir práticas baseadas em códigos estritos de deontologia, ou seja, o conjunto de deveres, princípios e normas adotadas por um determinado grupo profissional, nesse caso a profissão de jornalista. (SANTAELLA, 2018, p.30).

As redes sociais, que em questão de minutos permitem realizar publicações e compartilhamentos estabeleceu uma nova forma de absorver informações que em geral, não passam por uma apuração. Esse novo modo de se consumir informações cresceu ainda mais combinado às mídias móveis que de acordo com Santaella (2018) "permitem a publicação e interação de qualquer ponto do espaço, no momento em que se desejar" (SANTAELLA, 2018, p. 31). Desse modo, hoje qualquer indivíduo pode criar uma conta em alguma plataforma que existe na internet. Na internet, as notícias são divulgadas de diversas fontes e combinado com o mau uso das redes sociais fica bem difícil saber se as informações contidas nessas notícias são confiáveis ou não. A abundância de notícias também é outro fator para dificultar a confiabilidade.

Como um dos preceitos básico das redes sociais é o compartilhamento, isso ocasiona uma circunstância totalmente favorável para propagação de notícias contendo falsas informações. Desta maneira compreende-se que a grande novidade é a propagação que as redes sociais permitem que essas notícias tenham.

As redes operam de acordo com a lógica dos caça-cliques (*clickbait*s) em que o conteúdo *online* é valorizado pelo volume de tráfego de um *post* ou de um site. Assim, pouco importa se a mensagem é falsa ou mentirosa, sua onipresença acaba por causar impacto, pois basta uma olhadela para ser capturado por sua insistência (SANTAELLA, 2018, p.33).

Desse modo os usuários não têm a preocupação de ler o conteúdo das notícias, fixam apenas nas imagens que sempre são colocadas de forma para chamar atenção incluindo chamadas com mensagens que possam envolver o receptor emocionalmente. Esse tipo de chamada é um dos principais artifícios usados para o compartilhamento de

---

notícias repletas de informações falsas, ou seja, o uso do apelo emocional de forma sensacionalista para que o usuário possa ir além do "curtir", esquecendo-se do bom senso e disseminando *fake news*.

Desde 2016, a imprensa internacional tem usado o termo *fake news* para se referir às falsas informações que são divulgadas principalmente nas redes sociais, apesar disso, segundo o dicionário Merriam-Webster essa expressão é usada nos Estados Unidos desde o final do século XIX. Para Santaella (2018) o mundo atualmente é um espaço perfeito para proliferação das *fake news*, "vivemos em um mundo no qual a desconfiança e a desinformação estão criando um ambiente perfeito para proliferação de *fake news* (Notícias Falsas - NFs), motivada por interesses que visam manipular atitudes, opiniões e ações" (SANTAELLA, 2018, p. 33). Então, seja para finalidade comercial ou a disseminação de discursos de ódio, inúmeros são os motivos para que as *fake news* sejam criadas, além de que atualmente existem empresas na *deep web* (área da rede que é oculta a grande parte dos usuários) que trabalham especificamente divulgando *fake news*. As *fakes news* que atualmente são propagadas pela internet apresentam três traços que permitem suas caracterizações: a desinformação, desconfiança e a manipulação. Elas são criadas para influenciar a visão real dos fatos, com intuito de causar confusão desinteressada, interessada ou para alimentar um programa político. As notícias com falsas informações vão além do que se costuma postular, sendo diversificadas, difusas e possuindo uma série de problemas.

Existe um conjunto de problemas: (a) conteúdo político que é deliberadamente falso; (b) mensagens que são muito enganadoras, mas não necessariamente falsas; (c) memes que não são nem verdadeiros nem falsos, porém capazes de produzir uma impressão negativa ou incorreta. (SANTAELLA, 2018, p. 33).

Também existe um grande conteúdo que não possui relação factual, assim não é possível ser verificada, ou seja, existem níveis de malvadez. Dentre *fake news* às paródicas, que são criadas para provocar o entretenimento, talvez sejam as menos prejudiciais. Existem também os chamados caça-cliques ou iscas de cliques, possuem histórias com chamadas e imagens sensacionalistas fabricadas com finalidades consumistas, seu conteúdo em geral não é preciso e pode conter inverdades.

Há o caso das notícias híbridas que segundo Santaella (2018) são conhecidas pelos seus títulos sensacionalistas. "Outro caso é aquele das notícias híbridas, quer dizer

---

matérias muitas vezes corretas, mas atrapalhadas pela falsidade sensacionalista das chamadas. É bastante conhecida a força que os títulos e as imagens têm para fisgar a atenção dos usuários das redes". (SANTAELLA, 2018, p. 34). Assim, ela também justifica o sucesso do instagram em consequência do poder das imagens. Partindo da ideia de quanto mais sensacional ele for, mais ele conseguirá chamar atenção. Outros exemplos de *fake news* são aquelas construídas com algum engenho para objetivo de confirmar parcialidades e preconceitos. Em geral, são voltadas para o público que se satisfaz no seu modo de pensar e agir imutáveis, se mantendo assim cristalizados.

Dentre todos os tipos de *fake news* a mais prejudicial são as que estão nas propagandas que possuem intenção de enganar e promover pontos de vistas tendenciosos e quase sempre estão relacionadas a causas e programas políticos. Para Santaella (2018) o campo mais atingido por *fake news* é o da política. "De fato, a área mais afetada pelas NFs é inegavelmente a da política, justamente esse campo de atuação e decisão de que dependem os destinos da democracia nesta era pós-digital". (SANTAELLA, 2018, o. 35). Segundo a autora, a democracia implica que as pessoas estejam devidamente informadas, para que possam ter autonomia para debater e tomar decisões.

Alguns estudiosos vêm estudando as origens das *fake news* no fundamentalismo cristão. Assim, buscam analisar como grupos fundamentalistas são capazes de criar “sistemas de verdade” fundados em notícias falsas, “fatos alternativos”, teorias de conspiração e pseudociência. Em fevereiro de 2017, o escritor e contribuidor do jornal *The New York Times*, Frank Shaeffer, publicou no portal de notícias, *Huffington Post*, o artigo escrito pelo professor Christopher Douglas, chamado *The Religious Origins of Fake News and “Alternative Facts”* que trata a respeito das origens no fundamentalismo cristão das chamadas *fake news*. Christopher Douglas é especialista em literatura anglófona e tem estudos que relacionam escritos fundamentalistas com o crescimento de uma nova direita. Segundo Rocha (2019) no dia da publicação do artigo o campo progressista passava pelo que ele chamou de “ressaca eleitoral” pós-eleição de Donald Trump. Um fator muito interessante durante as eleições dos EUA em 2016 chamou atenção, dos 81% dos brancos evangélicos que votaram escolheram Trump e o fizeram impulsionados pelas *fake news*. Rocha (2019) explica

---

que algo muito parecido ocorreu no Brasil, uma matéria da revista *época*<sup>9</sup>, apontava um conhecido site voltado para o público evangélico, o Gospel Prime, com um dos grandes divulgadores de notícias com falsas informações. Em 2018, outra reportagem da BBC Brasil<sup>10</sup> tratava sobre a relação entre as notícias falsas e a decisão de voto no meio evangélico. Rocha (2019) esclarece que a indagação existente no artigo de Christopher Douglas (2017) é justamente de investigar qual é o tipo de vínculo entre a maneira que grupos fundamentalistas religiosos enxergam e representam a realidade com as teorias conspiratórias e notícias evidentemente falsas ("fatos alternativos", como chama Christopher Douglas). E para tal investigação foi realizada uma exploração de forma panorâmica, no contexto da América do Norte, acerca das raízes teológicas desse tipo de uso da informação, que segundo Douglas (2017) está ligada à própria gênese do fundamentalismo cristão, datada no início do século 20. Após análise sobre o artigo, Rocha (2019) resumiu em quatro pontos o que Douglas (2017) propõe em seu artigo para tratar sobre essa forma de uso da informação.

No primeiro ponto ele traz a rejeição à modernidade. Explica que o fundamentalismo cristão surgiu organizando-se em torno da rejeição à modernidade. Sendo algo já conhecido de pesquisadores desse tema, como o filósofo, teólogo e especialista em religiões Scott Randall Paine. Segundo Paine o fundamentalismo, do lado protestante, teve um marco importante após publicação do *The Fundamentals: A Testimony to the Truth*, que foi feita em vários volumes no período de 1909 a 1915, e definem quais pontos devem ser resguardados a qualquer tentativa de análise crítica sobre a bíblia. E pontua que a Igreja Presbiteriana, durante sua assembleia geral em 1910, reduziu esses elementos aos "cinco fundamentos", que teriam três artigos de fé sobre Jesus. São eles: nascimento vaginal; ressurreição corpórea; segunda vinda iminente e dois itens de cunho mais teórico a redenção vicária e a inerrância da bíblia, no sentido literalista. Segundo Paine, a Igreja Batista, em particular, aderiu a esses "fundamentos" e algo parecido ocorreu entre os fins do século XIX até os anos 1960, no contexto católico. Voltando para o artigo, Rocha (2019) esclarece que esses fundamentos sustentam do ponto de vista teórico rejeições voltadas para outros temas ligados a modernidades como, a teoria da evolução das espécies, de Darwin, por

---

<sup>9</sup> Ver: <<https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2018/04/o-exercito-de-pinoquios.html>>. Acesso em 16/05/2019.

<sup>10</sup> Ver: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45829796>>. Acesso em 16/05/2019.



---

consequente, a universidade e ciências acadêmicas, bem como a imprensa profissional secular e todas as demais instâncias de legitimação de verdade dentro de uma opinião pública liberal são sumamente rejeitadas.

No segundo ponto, Rocha (2019) fala sobre a criação dos "regimes de verdade". Segundo ele os grupos fundamentalistas criam comunidades de verdade, similares ao que sistematiza Michel Foucault como "regimes de verdade", que seriam instâncias, instituições e protocolos socialmente organizados que produzem e validam o que pode ser considerado como verdade, da mesma forma que rejeitam o que não é considerado verdadeiro. Para fazer isso, criam e enraízam verdadeiros ecossistemas de informação, que se vale de igrejas, da imprensa fundamentalista e agora no século 21, da internet (em sites como o *breitbart*, *4chan*, *infowars*, e canais como *Youtube* e grupos do *WhatsApp* cabem também nessa lógica). Para o fundamentalista não basta apenas negar a universidade, ciência, é importante grupos que legitimam tais negações como verdades literais e integrais. Assim, o mundo se divide entre os esclarecidos e portadores da verdade contra os outros dominados e doutrinados por forças demoníacas, comunistas, etc.

Já o terceiro ponto, Rocha (2019) intitula de "Degradação do debate público". Onde esclarece que todo esse processo produz a degradação do debate público. O uso da razão, o debate de ideias e apontamento de evidências e contradições para se chegar à verdade por via de método crítico se reduz a uma busca pela confirmação de crenças prévias e/ou desqualificação do outro. Evidências e argumentos acabam perdendo valor na medida em que a realidade acaba por ser torcida para se confirmar as tais verdades escondidas pelos outros, parte das conspirações do mundo moderno.

No quarto e último Rocha (2019) trata das *fake news*, explicando que todo esse processo é bem anterior à internet. As *fake news* não teriam começado nas eleições e nem com as redes sociais, no entanto é parte constituinte de um sistema sólido de ser observar a realidade. Douglas (2017) fala sobre o início do século 20, no entanto, existem pesquisas que apontam questões um pouco parecidas em períodos ainda mais distantes.

Após resumir em quatro pontos o artigo de Douglas, Rocha (2019) retorna à análise feita por Paine para esclarecer os aspectos enumerados chamados de "anatomia fundamentalista". Ele explica que Paine apontou quatro traços típicos dele ao longo de



---

sua história. Um psicológico, cujo traço marcante é o subjetivismo fechado, e tem como característica a resistência à correção, não inclinação ao diálogo e nem à simpatia a quem tiver posições contrárias ou alheias ao fundamentalista; um epistemológico, relacionando a fontes de conhecimento, marcado pelo fideísmo<sup>11</sup> radical ou submissão a autoridade como fonte exclusiva ou predominante de certeza; um hermenêutico, relacionado à interpretação de seus fundamentos, possui atitude literalista, no caso realiza interpretações literais de suas fontes de verdade e certeza e por último o pragmático que está relacionado a tendências de ação referentes a essa visão de mundo, onde fundamentalista tende à radicalidade, assim se opõem a valores democráticos liberais, como acomodação e negociação. Para Rocha (2019) tanto os aspectos presentes no artigo de Douglas sobre as eleições nos EUA, quanto no de Peine sobre o fundamentalismo são facilmente identificados em agentes públicos no Brasil, figuras que vão de *youtubers* a lideranças político-religiosas que se apresentam a seus públicos como fonte de verdade quase que inquestionáveis e sempre deslegitimando o conhecimento acadêmico-científico e da imprensa que não seja voltada para campo católico ou evangélico fundamentalista, combinado a atitudes hostis em relação à divergência de ideias. No Brasil, Rocha (2019) cita como exemplos de agentes que se apresentam como fonte de verdades personalidades como Olavo de Carvalho, a ministra Damara Alves e até o atual ministro das relações exteriores Ernesto de Araújo. Ele também ressalta o cuidado que se deve ter sobre as atitudes dos grupos de direitas, religiosos ou não, pois em suas narrativas, possuem uma cosmovisão complexa, que envolve diversos aspectos da realidade e que não assume, de jeito algum, a falta de conhecimento sobre os mais diversos temas e assuntos. E o mais grave, é que dificilmente pode ser enfrentada apenas por meio da argumentação ou demonstração da falsidade das notícias falsas ou teorias conspiratórias.

Voltando para o tema central do artigo de Douglas sobre a decisão de voto de fundamentalistas de ser tomada dentro de uma cosmovisão da qual as *fake news* são parte importante, Rocha (2019) diz que a partir de uma reflexão semelhante à de Douglas (2017), seria possível alcançar conclusões parecidas também no Brasil e que iriam além da decisão eleitoral. Basta que seja feita uma rápida rede de memórias sobre

---

<sup>11</sup> Fideísmo é uma doutrina religiosa que prega que as verdades metafísicas, morais e religiosas, como a existência de Deus, a justiça divina após a morte e a imortalidade, são inalcançáveis através da razão e só serão compreendidas por intermédio da fé.

---

teorias e boatos semelhantes, com ampla circulação e que teve origem e formulação em grupos cristãos fundamentalistas, como alguns casos em que se atribui pactos com o demônio a celebridades, como o caso da apresentadora Xuxa Meneghel, assim como já circulou boatos a respeito de supostos rituais que seriam realizados por atores da Rede Globo para alcançar sucesso em novelas e outras produções.

Pseudociência, moralismo, fundamentalismo religioso, conservadorismo, para Rocha (2019), todos esses aspectos se misturam nas narrativas dos "fatos alternativos" com objetivo de desqualificar meios tradicionais de informação. E cita como exemplo, o site Terça Livre e seu dono Alan Santos, que atribuiu uma falsa declaração à jornalista Constança Rezende do Estado de São Paulo, para criticar a cobertura que a jornalista realizava sobre as acusações de corrupção contra Flávio Bolsonaro. O histórico do site, que foi levantado pela revista Veja, aponta uma postura tanto do site quanto do seu autor bem subservientes ao atual governo e hostis à imprensa profissional, realizando ataques a veículos como a Folha de São Paulo, Globo e outros.

De acordo com Rocha (2019) ao relacionar os casos citados com anatomia do fundamentalismo analisada por Paine e as reflexões de Douglas, é possível observar que esses tais "fatos alternativos" compõem narrativas que sustentam sistemas muito coesos de visão do mundo, pois seu subjetivismo fechado reforça a certeza, colocando tais pontos acima de qualquer tipo de crítica. Já seu fideísmo radical sobre determinados ideólogos e a fontes alternativas garante ao sistema as fontes de tais certezas, desse modo que quem os contradiz são considerados da parte do mundo do qual se consideram livres, que são aqueles que são vistos como "doutrinados" e controlados por objetivos atrelados a conspirações globais. Além disso, o espaço para o debate acaba se degradando, quase inexistindo, pois acaba que essas certezas absolutas que são passadas pelos conspiracionismo afirmados de forma definitiva, acabam escondendo as dúvidas e incertezas que são fundamentais ao debate, sem a possibilidade de convencimento. E conclui esclarecendo que essa cosmovisão motiva ações concretas, se tornando em vários casos atos de violência, como o caso relatado pela professora e blogueira Lola Aronovich<sup>12</sup>, sobre *channers* que formaram grupos "masculinistas", que motivados por um radicalismo antifeminista, cometem e incentivam vários crimes.

---

<sup>12</sup> Ver: <<https://theintercept.com/2018/12/21/prisao-do-misogino-marcelo-mello/>>. Acesso em 19/05/2019.

---

Diante da complexidade do problema, Rocha (2019) finaliza fazendo o seguinte questionamento, como combater tal problema? Para ele a resposta não cabe em sua reflexão dada complexidade do problema, no entanto um primeiro passo é entender dois pontos complementares. Para ele o primeiro é de compreender que boatos, notícias falsas, "fatos alternativos", teorias de conspiração e pseudociência não devem ser abordados e vistos como curiosidade ou piada, pois não são. No fim tudo isso se conecta e acaba por se transformar em visões fechadas de mundo que conferem identidade e legitimidade para muitas ações na vida pública, com sérios riscos à democracia. O segundo ponto para Rocha (2019) é que deve ser necessário pensar em táticas que envolvam desde cientistas, acadêmicos, jornalistas e setores moderados de igrejas e de outros grupos religiosos de forma articulada para se "furar a bolha" do fundamentalismo. Rocha (2019) finaliza esclarecendo que apenas desmentir ou mostrar os absurdos de algumas de suas premissas se mostra atualmente, algo ingênuo e inútil. Pois só atribuir à convicção em crenças a falta ou baixa qualidade da educação formal é igualmente de pouca utilidade, além de não ser totalmente verdadeiro, uma vez que se trata da fabricação de formas de se perceber o mundo, cosmovisões, refratárias, inclusive, à própria educação formal, atacada fortemente por tais setores de extrema direita.

Quando se fala sobre *fake news* outro ponto que gera muitas reflexões é sua relação com as bolhas ou também conhecidas como câmaras de eco, que funcionam segundo Santaella (2018) como um "ecossistema individual e coletivo de informação viciada na repetição de crenças inamovíveis" (SANTAELLA, 2018, p. 10).

Segundo Magrani (2014) em seu livro "Democracia Conectada", a *filter bubble* (ou filtros-bolha) pode ser definida "como um conjunto de dados gerados por todos os mecanismos algorítmicos utilizados para se fazer uma edição invisível voltada à customização da navegação on-line" (MAGRANI, 2014, p. 118). Ou seja, as bolhas funcionam como uma espécie de personificação dos conteúdos gerados na rede, que são feitas por empresas como o *Google*, por meio de seus mecanismos de buscas e de redes sociais como o *Facebook*, entre outras diversas plataformas e provedores de conteúdo.

A ideia inicial acerca da teoria conhecida como *filter Bubble* foi elaborada pelo norte-americano Eli Pariser, ex-diretor-executivo da organização "*MoveOn.Org*", possivelmente a primeira plataforma virtual a transformar a web em uma ferramenta de

---

ação política massiva. Magrani (2014) explica que o filtro-bolha forma-se a partir das características de navegação de cada pessoa como se fosse um universo particular on-line, tanto acessível, quanto imposto, assim acaba por condicionar sua navegação. Segundo Magrani (2014) por meio da teoria do *filter Bubbles* um indivíduo brasileiro por conta de suas características, ao realizar uma busca em um determinado site encontraria um conteúdo diferente de um argentino que não possui características semelhantes ao do brasileiro, mesmo que eles tivessem usado o mesmo termo no momento da busca.

Assim, de acordo com esta teoria, um indivíduo X, brasileiro, caucasiano e aficionado por esportes, ao procurar pelas palavras “atentados” e “Afeganistão” em algum site de busca na internet, acabaria encontrando resultados diversos daqueles referentes à pesquisa feita, a partir de termos idênticos e no mesmo site, por um indivíduo Y, argentino, negro e ligado a manifestações artísticas. (MAGRANI, 2014, p. 118).

De acordo com Magrani (2014) essa sobrecarga de informação (*information overflow*) ocasiona duas consequências, a primeira, filtragem de conteúdo não intencional feita pelos provedores, que são enquadrados e denominados como *filter bubble* e a segunda, a busca dos próprios indivíduos por filtrarem de forma voluntária as informações que consomem consequentemente isso agrava o problema desencadeado pelo *filter bubble*. Partindo da linha de como os mecanismos de navegação estão se configurando, segundo o autor, a internet estaria se transformando em um espaço no qual é mostrado o que se acha que é do nosso interesse, no entanto o que desejamos ou na verdade precisaríamos ver acaba por ser ocultado. Assim, para Magrani (2014) o caráter das *filter bubble* é danoso para os direitos e garantias fundamentais dos indivíduos.

Desse modo, pode-se dizer que a *filter bubble* e seu caráter prejudicialmente paternalista podem implicar em restrições a direitos e a garantias fundamentais, a autonomia dos indivíduos e a liberdade de expressão, sendo prejudicial de forma geral para o debate na esfera pública conectada (MAGRANI, 2014, p. 2019).

Apesar disso, o autor ressalta que a filtragem surgiu como uma necessidade e que por muitas vezes é considerada bem-vinda, pois gera um comodismo para o usuário que acaba localizando suas buscas de forma rápida e eficaz na maioria das vezes. Como

---

exemplo, Magrani (2014) usa o modelo de negócio do *Netflix*, que permite aos seus usuários um acervo de filmes à sua disposição, sendo esse acervo baseado exclusivamente no seu perfil através da sugestão de títulos e filtros personalizados. Por outro lado, além da vantagem, o problema existe no excesso de filtragem, tanto por parte das empresas quanto dos próprios indivíduos, que sem perceberem se limitam e acabam por se afastar de pontos de vistas diferentes dos seus assim empobrecendo o valor do debate na esfera pública virtual. O autor ressalta que partindo de outra perspectiva, hoje o usuário de internet quando navega pelos *sites* mais conhecidos é alvo de uma enxurrada de publicidade direcionada que denota por si só o interesse por trás deste mecanismo de filtragem e personalização. Magrani (2014) prossegue e diz que Lawrence Lessig, professor de Harvard, já havia chamado atenção para o fato de que a própria estrutura da internet, no caso dos *hardwares* e *softwares* que a compõem, com toda sua estruturação técnica e códigos que comandam seu funcionamento, não deixam também de ser formas de regulamentação do comportamento humano, sendo essas formas por diversas vezes tão eficientes quantas outras formas mais conhecidas como o Direito, a economia e outras normas sociais. O fato de a internet ser plástica e mutável e involuntariamente seus usuários serem reféns dos algoritmos que os inserem dentro das bolhas, tem sido segundo o autor como uma das mudanças mais drásticas e sutis, pois muitas vezes serem justamente imperceptíveis. Desse modo, a premissa do *filter bubble* é de que não seja possível decidir o que aparece pra você dentro da bolha e nem tenha acesso ao que fica de fora.

A seleção de informação que é realizada pela mídia tradicional, nos meios *off-line* já efetua um processo de filtragem de conteúdo, pois seleciona e segrega uma série de informações. Segundo Magrani (2014), teóricos como Habermas, assim como Adorno e Horkheimer da Escola de Frankfurt, já chamavam atenção para força que a mídia tradicional possui e seu impacto para a democracia moderna. Mas a principal diferença entre o processo de filtragem entre os meios *off-line* para os ambientes *on-line*, é que esses ambientes alcançam uma escala muito maior de personalização e direcionamento.

A internet possui um grande potencial de ser um espaço de democratização, apresentação de novas ideias, propor debates e até de transformações de perspectiva, porém em consequência das alterações na própria estrutura e do modo que funcionam as

---

plataformas digitais são necessárias mudanças para que esse estágio de democratização seja alcançado. Para Magrani (2014) partindo da mesma linha de pensamento de Eli Pariser seria o estouro da *filter bubble*.

### **Considerações finais**

O presente artigo traz uma reflexão acerca do fenômeno das *fake news*, que apesar de não se algo novo, com o advento das redes sociais tomou novas formas de se disseminar e de maneira quase que incontrolável. Por meio da pesquisa foi possível compreender como esse fenômeno pode ser prejudicial até para a própria democracia, pois é fundamental que os indivíduos estejam devidamente informados para que possam debater e tomar decisões.

Apesar das *fake news* serem diversificadas, elas em geral são criadas com intuito de influenciar a visão real de fatos, seja para causar confusão desinteressada, interessada ou para alimentar um programa político.

Também é possível compreender de como as origens das *fake news* no fundamentalismo cristão fazem parte de um sistema sólido de observar o mundo, que rejeita à modernidade, criando "regimes de verdade" que degradam o debate público, pois o uso da razão, o debate de ideias e apontamento de evidências e contradições para se chegar à verdade por via de método crítico se reduz a uma busca pela confirmação de crenças prévias e/ou desqualificação do outro. Ainda sobre a reflexão proposta neste artigo, observa-se como os modelos de negócios de empresas como o *google* e o *Facebook* contribuem para as filtro-bolas e também para as *fake news*, pois com seus mecanismos de buscas com os algoritmos filtrando, trazem apenas informações que "escolhemos", assim, ocultando diferentes pontos de vistas.

Seja por interesses políticos, religiosos ou até mercadológicos, a sociedade vem sofrendo graves consequências por conta desse fenômeno, principalmente quando se vive em um espaço onde a desconfiança e desinformação estão presentes criando um cenário perfeito para proliferação das *fake news*.

---

## REFERÊNCIAS

GIL, Antônio Carlos, **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MAGRANI, Eduardo. M212 **Democracia conectada**: a internet como ferramenta de engajamento político-democrático./ Eduardo Magrani./Curitiba: Juruá, 2014.222p.

SANTAELLA, Lucia. **A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018. 98 p., 13 cm x 18 cm. ISBN 978-85-68552-80-3.

AS MENSAGENS falsas usadas no século 16 para tentar sabotar o reinado do espanhol Felipe 2º. **BBC News Brasil**, 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45863680>>. Acesso em: 20 de mar. de 2019.

BATISTA, Rafael. Fake News. **Mundo Educação**, c2019. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/curiosidades/fake-news.htm>>. Acesso em: 20 de mar. de 2019.

DOUGLAS, Christopher. The Religious Origins of Fake News And “Alternative Facts”. **Religion Dispatches**, 2017. Disponível em: <<http://religiondispatches.org/the-religious-origins-of-fake-news-and-alternative-facts/>>. Acesso em: 14 de maio de 2019.

ROCHA, Igor Tadeu Camilo. As origens das fake news no fundamentalismo cristão. **Yahoo Notícias**, 2019. Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/origens-das-fake-news-no-fundamentalismo-cristao-144900663.html>>. Acesso em: 14 de maio de 2019.

SIGNIFICADO de WhastApp. **Significados, Conceitos e Definições**, c2019. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/whatsapp/>>. Acesso em: 11 de abr. de 2019.

VOCÊ sabe o que é fake news?: notícias falsas invadem a internet, confundem e provocam danos. **Vivo Dialogando**, 2018. Disponível em: <[https://dialogando.com.br/seguranca/protecao-na-internet/voce-sabe-o-que-e-fake-news/?current\\_page=3](https://dialogando.com.br/seguranca/protecao-na-internet/voce-sabe-o-que-e-fake-news/?current_page=3)>. Acesso em: 20 de mar. de 2019.